

## **Apresentação**

Esta edição da Revista Araticum se dedica às discussões em torno da literatura contemporânea. Adélcio de Sousa Cruz, em “Literatura contemporânea e suas travessias: desafios e diálogos”, se propõe a discutir como a literatura contemporânea tem sido um dos maiores desafios. Por quê? Segundo esse pesquisador, cada período passado também já foi o desafio para a crítica literária daquele momento... Duas coletâneas, uma de contos e outra de poesia, publicadas na década de 1970, serviram de marco ao que se chamava de literatura brasileira contemporânea e foram organizadas por Alfredo Bosi e Heloísa Buarque de Hollanda. Daquela década até o presente, a produção literária tem dado sinais de vitalidade e pluralidade no tocante às escolhas estético-mercadológicas. Isso mesmo, estética e mercado também se flertam e circulam, às vezes, de mãos dadas.

Andrea Martins, em “Notas sobre a criação e a recepção de *Hoje É Dia De Maria*”, afirma que a minissérie *Hoje é dia de Maria* (2005), assinada por Luiz Fernando Carvalho, foi um dos primeiros grandes sucessos de público da Rede Globo, no horário das 23h, na primeira década deste século. Andrea Martins faz um apanhado sobre a recepção da obra, pelo público e pela crítica, além de discutir aspectos sobre sua criação, cuja origem é a literatura oral. O seu objetivo, nesse estudo, é apontar os possíveis elementos que tornaram uma temática essencialmente simples e, por vezes, ingênua, tão atraente ao público adulto, que é quem tem acesso ao horário em que o programa foi exibido. Para isso, analisou-se a primeira cena do primeiro episódio da minissérie, ao qual aplicou alguns conceitos da semiótica greimasiana, precedidos de estudos sobre a recepção nos meios de comunicação de massa.

Hermenegildo Bastos, em “*O conselho do egito de sciascia: um romance histórico?*”, estuda a atualidade do romance histórico, a dimensão política da relação literatura/história, a urgência de a literatura narrar a história e procurar os valores humanos em um mundo em que eles parecem ter perecido. Para tanto, retoma algumas das discussões sobre a relação entre literatura e história, o que faz recorrendo aos termos teóricos do debate atual.

Felícia Johansson, em “Descreviver: jogo e improvisação teatral em ‘pirlimpisquice’, de Guimarães Rosa”, analisa como, nesse conto, Guimarães Rosa narra a descrevivência de um grupo de meninos, ao encenar uma peça que, por meio de uma improvisação, subitamente vira outra. “Descreviver” é palavra inventada por Rosa para simbolizar o ato de representar teatralmente, com espontaneidade. Em *A Atualidade do Belo: a arte como jogo, símbolo e festa* (1985), Hans Georg Gadamer investiga o fenômeno do jogo como explicação da arte, referindo-se, sobremaneira, ao teatro. Entre a arte como jogo, explicitada por Gadamer, e o jogo da arte, poetizado por Rosa, há paralelos evidentes que podem inspirar atores e autores brincantes. Neste cenário, o termo “descreviver” fornece o palco para a reflexão.

Jean Pierre Chauvin, em “O julgamento de Zé Bebelo: retóricas”, discute como, em *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo espraia a combinação de espontaneidade e artifício dos jagunços em constantes lutas: por amor, poder e paz. E se propõe a demonstrar, nesse estudo, que o julgamento de Zé Bebelo é episódio-chave do romance: ponto de partida para discussões sobre determinados procedimentos discursivos embutidos no relato do narrador.

Marcos Antônio Alexandre, por último, em “O teatro negro no Brasil: perspectivas críticas”, afirma que o Brasil tem a maior poluição negra fora da África e a segunda maior do mundo, responsável pelo número mais elevado de africanos “importados” das distintas partes do continente africano. Dessa maneira, nosso país, escravista por mais de trezentos anos e reestruturado por conceitos republicanos, impôs e estimulou conceituações de nacionalidade que determinaram um discurso cultural muito distante de nossa diversidade cultural e étnica. E procura responder aos seguintes questionamentos: como explicar que a maioria dos sujeitos que vive nas periferias do país seja composta por negros? Até que ponto podemos falar que abolimos a escravidão, uma vez que o negro segue sendo desvalorizado e lutando pelos direitos que, no nível teórico e sociopolítico, deveriam ser iguais, independentemente da cor da pele? Eis, portanto, como se constituem as discussões apresentadas neste número da Revista Araticum. Desejamos-lhes boa leitura.

Os editores,

Telma Borges  
Osmar Pereira Oliva